



A improvável Crusoé: história e ficção em *Journal of a Voyage to Brazil* de Maria Graham¹

The Improbable Crusoe: History and Fiction in Maria Graham's Journal of a Voyage to Brazil

Júlia Braga Neves

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
juliabneves@letras.ufrj.br

<http://orcid.org/0000-0003-4548-3491>

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir como Maria Graham articula fato e ficção em *Journal of a Voyage to Brazil*, comparando a sua narrativa de viagem com aspectos históricos e ficcionais de *Robinson Crusoé* de Daniel Defoe. A partir de questões referentes à literatura de viagem e de reflexões sobre as relações entre história e ficção de Reinhart Koselleck, busca-se entender como Graham emprega elementos ficcionais em seu diário de viagem para representar a política e a história do Brasil, bem como a sua própria vivência no país. Por último, o artigo considera os aspectos de gênero nos relatos de Graham, argumentando que sua credibilidade e autoridade são dificultadas pelo fato de ela ser mulher.

Palavras-chave: Maria Graham; literatura de viagem; *Robinson Crusoé*; literatura e história.

Abstract: This article aims to discuss how Maria Graham articulates fact and fiction in *Journal of a Voyage to Brazil*, comparing her travel narrative with historical and fictional aspects in Daniel Defoe's *Robinson Crusoe*. Considering questions pertaining to the realm of travel literature and to Reinhart Koselleck's reflections about history

¹ Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo entre dezembro de 2019 e novembro de 2020, durante estágio de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP).

and fiction, I analyze how Graham employs fictional elements in her travel narrative to represent Brazil's politics and history, as well as her own experience in the country. Lastly, this article examines gender aspects in Graham's accounts, as I argue that her credibility and authority are undermined by the fact that she is a woman.

Keywords: Maria Graham; travel literature; *Robinson Crusoe*; literature and history.

Ao narrar o momento em que o seu navio se afasta da costa da Bahia de Todos os Santos em direção ao Rio de Janeiro no dia 9 de dezembro de 1821, a viajante inglesa Maria Graham relata que ela e seus companheiros a bordo discutiam onde exatamente estariam localizadas as plantações de Robinson Crusoe no Brasil. Segundo Jennifer Hayward e Maria Soledad Caballero (2010, p. 90), Graham visitara os locais da região por onde teria circulado o protagonista do romance de Daniel Defoe. Ao comentar as especulações sobre os locais possíveis para suas plantações, Graham (2010, p. 90-91, tradução nossa) reflete sobre a obra do autor:

Há um encanto nas obras de Defoe que é difícil encontrar, com exceção de *O progresso do peregrino*. A linguagem é tão familiar que não se sabe do teor poético dos pensamentos; e os dois juntos formam tal realidade que a parábola e o romanesco [*romance*] permanecem fixados na mente de forma semelhante, como verdade. E o que é a verdade? Certamente não são meras ações externas da vida vulgar, mas percepções morais e intelectuais pelas quais nossos julgamentos, e ações, e motivações são direcionados.²

A formulação de Graham sobre os romances de Defoe suscita questões que estão presentes tanto na forma do romance quanto em relatos de viagem, justamente as relações entre fato e ficção. Se o romance do início do século XVIII “se apresentava como uma forma

² No original: “There is a charm in Defoe's works that one hardly finds, excepting in the Pilgrim's Progress. The language is so homely, that one is not aware of the poetical cast of the thoughts; and both together form such a reality, that the parable and the romance alike remain fixed on the mind like truth. And what is truth? Surely not the mere outward acts of vulgar life; but rather the moral and intellectual perceptions by which our judgment, and actions, and motives, are directed.” Todas as traduções provenientes do diário de Maria Graham são de minha autoria.

ambígua, uma ficção factual que negava sua ficcionalidade e produzia em seus leitores um sentimento de ambivalência quanto a seu possível conteúdo de verdade” (VASCONCELOS, 2002, p. 18), pode-se dizer que, como autora, Graham apreende esses princípios em seus relatos. Para ela, como para tantos outros autores de literatura de viagem, o recurso da ficcionalidade para retratar a realidade é necessário justamente para construir uma autoridade e credibilidade como autora e viajante que presenciou embates políticos históricos no Brasil, onde residiu entre os anos de 1821 e 1825, com curtos períodos de estada no Chile e na Inglaterra.

Ao contrário de Robinson Crusóé, cujo editor afirma em seu prefácio que “julga que o relato seja uma história fiel de fatos; nem existe nela qualquer aparência de ficção” (DEFOE, 2001, p. 44), Maria Graham deixa claro no trecho acima que a ficcionalidade não pode ser separada do factual. Como se sabe, a dúvida sobre a veracidade dos fatos em narrativas de viagem não era incomum, mas havia algumas estratégias para que a credibilidade, autoridade e autenticidade de um viajante pudessem ser consolidadas, como a ênfase de que o autor presenciou os eventos sobre os quais ele escreve, a citação de fontes de autoridade já estabelecida e a descrição minuciosa das pessoas locais que pudessem atuar como intérpretes dos viajantes (CAREY, 2016, p. 4-8; KEIGHREN; WITHERS; BELL, 2015, p. 68-132). Ainda que Graham tenha atendido a essas regras, havia críticos, como o da *Quarterly Review* (1824), que duvidavam de partes de seus relatos porque eram demasiado aventureiros para uma mulher.

Como demonstra a reflexão da viajante, relatos ficcionais, como *Robinson Crusóé*, conseguem se materializar como verdades porque são capazes de fundir alegoria (parábola) e o improvável (romanesco). Interessante notar que, além do clássico de Defoe, Graham menciona também *O progresso do peregrino deste mundo para o que está por vir* (*The Pilgrim's Progress: From This World to That Which is to Come*), de John Bunyan, uma alegoria religiosa do século XVII que elucida a formação e o desenvolvimento espiritual e intelectual de um peregrino a partir de seu percurso de viagem.

Os relatos de viagem das obras de Bunyan e de Defoe ilustram o que Maria Graham define como verdade. Esta não pode ser delimitada somente pela ocorrência de ações ou eventos, mas também pela apreensão intelectual e moral deles. Para Graham (2010, p. 91, tradução nossa), *O*

progresso do peregrino e *Robinson Crusóe* são capazes de expressar a verdade porque elas compreendem “o coração, a alma e o entendimento do homem”.³ Dessa forma, é possível entender a noção de verdade de Graham como uma fusão entre ficção e fato, semelhante ao enlace entre a literatura e a história, categorias que, segundo Reinhart Koselleck (2007, p. 41-43), foram cindidas em lados opostos a partir do século XVIII, como se a primeira pertencesse somente ao campo do poeta (que inventa) e a segunda, ao do historiador (que relata os fatos).

Koselleck (2007) ressalta a importância na distinção entre a literatura e a história, mas nos lembra que esses dois domínios não devem ser diferenciados conforme as suas funções como objetos de estudo do que hoje são duas áreas de conhecimento, pois tanto a literatura quanto a história são representações constituídas pela linguagem. Há, é claro, a diferença crucial entre eventos que realmente aconteceram e aqueles que poderiam acontecer, discriminação fundamental entre a história e a ficção. Há ainda do lado da história, o “direito de veto das fontes”, que não admite a reconstrução do passado a partir da introdução daquilo que não é endossado por fontes históricas. Porém, o historiador e o escritor devem tecer essas ações, sejam elas reconstruídas ou inventadas, de forma que elas adquiram sentido ao todo. Essa seria, inclusive, a principal tarefa do historiador, segundo Wilhelm von Humboldt (1946, p. 8), que, assim como Koselleck, postula que historiador e poeta necessitam da imaginação para retratar os acontecimentos.

Essa premissa pode ser adotada para compreender o diário de Graham, que tem ciência de que os eventos narrados não coincidem exatamente com aquilo que se deu na realidade, ainda que os represente. Em seu prefácio, a autora esclarece que o seu diário consiste na “concatenação de fatos que chegaram à Europa um a um, e no registro da impressão produzida no momento em que eles ocorreram” de modo que esses episódios poderiam “ser vistos sob uma luz diferente em outra ocasião” (GRAHAM, 2010, p. 5, tradução nossa).⁴ Ela admite que algumas ocorrências “foram distorcidas por vias interessadas pelas quais [os fatos] passaram para alcançar o público” (GRAHAM, 2010, p. 5,

³ No original: “[...] the heart, and soul, and understanding of man.”

⁴ No original: “[...] all that can be new in the Journal is the bringing together facts which have reached Europe one by one, and recording the impression produced on the spot by those occurrences which might be viewed in different light elsewhere.”

tradução nossa),⁵ mas alega que essa interferência deve ser atribuída às fontes de informação, bem como ao “espírito partidário” (*party spirit*) que defendia ou repudiava as independências dos países sul-americanos.

A observação de Graham de que os eventos eram encaminhados para a Europa separadamente alude à correspondência que mantinha com os seus editores, principalmente com Murray II. Innes Keighren, Charles Withers e Bill Bell (2015, p. 11-13) explicam que a prática epistolar entre viajantes e seus editores era comum nos séculos XVIII e XIX e, no caso dos autores de literatura de viagem vinculados à editora de John Murray, como era Maria Graham, essa correspondência era essencial para que os Murray⁶ pudessem acompanhar o processo de coleta de informações. É relevante notar que, além da lacuna entre a testemunha de um evento e a sua descrição em cartas, havia também o próprio crivo editorial do livro, já que as “narrativas impressas sobre a viagem não necessariamente [correspondiam] aos eventos em si e [...] autores, editores e editoras podiam e, de fato, emendavam texto e imagem antes da publicação” (KEIGHREN; WITHERS; BELL, 2015, p. 11, tradução nossa).⁷

A escrita, o processo editorial e a apreensão de Graham sobre os eventos históricos e políticos que ela presenciou no Brasil são aspectos cruciais do que a viajante constrói e entende como verdade em seu diário. Graham desembarcara no país em setembro de 1821, apenas alguns meses depois de Dom João VI voltar para Portugal, deixando Dom Pedro I como príncipe regente. Quando chegaram em Olinda, primeira parada da embarcação *Doris* no Brasil, Graham e seus compatriotas depararam-se com a então capital pernambucana sitiada devido às manifestações populares contra a corte portuguesa:

⁵ No original: “Some [occurrences] have, no doubt, been distorted by the interested channels through which they have reached the public.”

⁶ Fundada em 1768 por John Murray, a editora publicou escritores importantes para a literatura britânica como Jane Austen, Charles Darwin e Walter Scott, além de narrativas de viagem como as do geólogo Charles Lyell. No final do século XVIII, a *John Murray* era a editora que publicava os maiores sucessos de literatura de viagem e de expedições. Embora tenha sido criada por Murray I (1737-1793), foi seu filho, Murray II (1778-1843), que fez com que a editora obtivesse sucesso absoluto no mercado editorial britânico.

⁷ No original: “[...] printed narratives about travel did not always correspond to the events themselves and [...] authors, editors, and publishers could and did amend text and image before publication.”

Todas as lojas estão fechadas e a comida, escassa e cara. A maior parte das pessoas que tem propriedade de valor, em baixelas ou em joias, embalou-a e guardou-a nas casas dos comerciantes ingleses. Muitas pessoas com suas esposas e famílias deixaram suas casas nos arredores da cidade e tomaram refúgio com os ingleses. Estes, que em sua maioria dorme, ao menos, em casas de campo [...] chamadas de sítio, abandonaram-nas e permaneceram juntos em seus escritórios no porto: tudo, em suma, é alarme e incerteza. (GRAHAM, 2010, p. 32, tradução nossa).⁸

Os tumultos e os conflitos presenciados por Graham deviam-se aos decretos enunciados por Dom João VI ao longo dos meses de setembro e outubro de 1821, que ordenavam a volta de Dom Pedro I a Portugal e instituíam restrições à autonomia comercial e administrativa brasileira (COSTA, 1987, p. 40-41). A essa época, o governador de Pernambuco era o general Luís do Rego, defensor dos interesses portugueses, que foi derrotado por milícias pernambucanas pró-independência. Como Graham era casada com o capitão da marinha inglesa Thomas Graham, responsável pelo *Doris*, ela testemunhou em primeira mão as revoltas locais e os seus desdobramentos, pois conviveu com o general Luís do Rego e a sua família durante esse curto período em Olinda.

Em meio às incertezas dos conflitos pernambucanos, Graham testemunha um evento que envolve os ingleses, os insurgentes pró-independência e o confisco de roupas de cama do *Doris*. A viajante narra como ela e outros membros formaram uma comitiva – composta por um intérprete, o senhor Caumont, o segundo tenente, o senhor Dance, e o primo de Graham, o almirante William Glennie – para irem até as tropas anti-monarquistas, denominadas por ela de “patriotas”, acampadas em Goiana para pedir que as roupas de cama enviadas para lavagem em Olinda voltassem a bordo do navio. A querela inicia-se com a proibição dos patriotas de que esses itens de uso pessoal dos ingleses retornassem a eles, mas a viagem até o acampamento torna-se

⁸ No original: “All shops are shut, and all food scarce and dear. Most people who have property of value, in plate or jewels, have packed it up, and lodged it in the houses of the English merchants. Many persons with their wives and families have left their homes in the outskirts of the town, and have taken refuge with the English. The latter, who, for the most part, sleep [...] in country houses in the neighbourhood, called sítios, have left them, and remain altogether at their counting-houses in the port: every thing, in short, is alarm and uncertainty.”

uma espécie de autolegitimação de Graham como uma possível agente diplomática entre a recém proclamada junta provisória governamental de Pernambuco e o governador reconhecido pela Corte, Luís do Rego. Segundo ela, o passeio seria uma “oportunidade de cruzar as fronteiras, e nós nos sentimos como se fôssemos meninos de escola cujos furtos passaram dos limites” (GRAHAM, 2010, p. 48, tradução nossa).⁹ Sentem-se como se estivessem a ponto de cometer uma irregularidade porque era necessário que os ingleses mantivessem neutralidade nos conflitos entre Brasil e Portugal, tendo em vista que, a essa altura, não se sabia ao certo quais seriam os resultados dos embates políticos entre os dois países. Apesar de a independência favorecer os interesses comerciais da Inglaterra, os representantes ingleses que ali estavam não poderiam arriscar os tratados assinados com Portugal em 1810.

Graham segue a sua narrativa com descrições comuns sobre a paisagem, as plantas e as árvores que encontrara durante a cavalgada e as meninas negras que vendiam frutas, até chegarem à base militar da junta do governo provisório. Os militares estavam “armados de maneira tolerável, mas estranhamente vestidos”; o guia da comitiva volta do topo da colina acompanhado de “dezoito ou vinte soldados montados, cuja aparência era mais selvagem que militar” (GRAHAM, 2010, p. 50, tradução nossa).¹⁰ Enquanto o senhor Dance e o senhor Caumont foram aos comandantes das tropas, Graham esperava na companhia de Glennie. Porém, algo inesperado acontece:

Em poucos minutos, um homenzinho janota, que falava razoavelmente francês veio e me disse que o *governo* desejava a minha companhia. Eu suspeitei que houvesse um equívoco no uso da palavra governo [...] e tentei declinar a honra, mas a recusa não pôde ser aceita e o homenzinho, que me disse ser secretário do governo, assistiu-me a desmontar e mostrou-me o caminho ao palácio. O saguão estava repleto de homens e cavalos, como um estábulo de caserna, com exceção de um canto que servia de hospital para aqueles feridos nas últimas escaramuças, os rangidos destes misturavam-se rudemente com as vozes alegres

⁹ No original: “[...] an opportunity of passing the lines, and we felt like school-boys who had stolen beyond bounds.”

¹⁰ No original: “Our guide soon returned with eighteen or twenty mounted soldiers, whose appearance was rather wild than military.”

e barulhentas dos soldados. As escadas eram tão tumultuadas que nós subimos com dificuldade e ali descobri que seria, de fato, confrontada com todo o poder do governo provisório. (GRAHAM, 2010, p. 50, grifo da autora, tradução nossa).¹¹

O convite inusitado para sentar-se com as tropas sugere uma situação de perigo para a viajante. Nessa passagem, seu primo Glennie, que esperava os outros integrantes do grupo ao seu lado, não é sequer mencionado e temos a impressão de que Graham teria subido ao palácio sozinha, conduzida somente pelo secretário do governo. É interessante notar que, por um lado, a viajante o descreve como um “homenzinho” (*little man*), insinuando que aquela figura não representava uma ameaça. No entanto, a descrição do ambiente cheio de homens, que remete a uma caserna militar, e o detalhe que ela, uma mulher inglesa casada com um capitão da marinha, teve de passar pelo meio de um aglomerado de soldados numa escada estreita criam um suspense característico de uma condição de risco, que culmina no ato de um encontro *tête-à-tête* com a junta governamental que contribuiu em grande parte para a renúncia do general do Rego dois dias mais tarde.

Percebe-se nesse trecho que Graham posiciona-se como protagonista do acontecimento, pois é somente depois, quando ela já está no salão com os membros da junta, que sabemos que Glennie a havia acompanhado todo esse tempo. A viajante utiliza aqui a expressão “confrontada com todo o poder” para designar o encontro inesperado, implicando a noção de que ela preconizaria um embate com as lideranças das tropas pró-independência. Essa imagem é reafirmada novamente quando ela conta que os membros do governo provisório lhe disseram que “eles não leriam a carta enquanto [ela] esperasse lá embaixo” (GRAHAM,

¹¹ No original: “In a few minutes, a smart little man, speaking, tolerable French, came and told me the *government* desired my company. I suspected a mistake of the word government [...], and endeavoured to decline the honour; but no denial could be taken, and the little man, who told me he was secretary to government, accordingly assisted me to dismount, and showed me the way to the palace. The hall was filled with men and horses, like a barrack stable, excepting a corner which served as an hospital for those wounded in the late skirmishes, the groans of the latter mingling uncouthly with the soldiers’ cheerful noisy voices. The stairs were so crowded, that we got up with difficulty, and then I found that I was indeed to be confronted with the whole strength of the provisional government.”

2010, p. 51, tradução nossa).¹² Sem informar o conteúdo dessa carta, Graham (2010, p. 51, tradução nossa) apenas comenta que os líderes presentes ignoraram os assuntos ali tratados para proferirem um discurso sobre “a injustiça do governador português e do governo em relação ao Brasil, em geral, e aos pernambucanos, particularmente”,¹³ elucidando os motivos da inauguração daquela junta e criticando as decisões do general do Rego. Perde-se totalmente a motivação inicial da viagem a Goiana, que seria requerer a devolução das roupas de cama aos ingleses, para criar uma cena que aparenta uma tensão política. Pouco depois, Graham relata que, em conversa com o secretário, alcançaram o seu objetivo inicial e também uma redução de preço dos novilhos, além de outros mantimentos frescos liberados somente aos ingleses e aos franceses.

Não se sabe ao certo o que ocorreu nessa visita à junta militar em Goiana, mas fica claro que, em sua representação dos fatos, Graham constrói uma narrativa dotada de elementos de perigo que configuram as histórias de aventura e, conseqüentemente, enaltecem a coragem da viajante. Essa estratégia era frequente entre autores de literatura de viagem e buscava justamente consolidar a sua autoridade, pois o reconhecimento da posição de um viajante ou explorador “dependia de como se regulavam as experiências, se superavam a natureza adversa, nativos suspeitos ou fragilidade pessoal para explorar, viajar e escrever” (KEIGHREN; WITHERS; BELL, 2015, p. 61, tradução nossa).¹⁴ A chegada turbulenta em Pernambuco e o encontro com os patriotas do governo provisório correspondem às primeiras adversidades que Graham deve superar a fim de estabelecer-se como uma viajante de credibilidade.

Se em seu *Journal of a Residence in India*, publicado em 1812, Graham (1813, p. vi) se define como uma “estranha observadora” (*observant stranger*), negando a sua autoridade e reforçando o seu *status* de mera espectadora, em seus diários sobre o Brasil e o Chile, a viajante se coloca como agente capaz de representar os interesses ingleses. Não cabe aqui a tipologia de *exploratice sociale*, que Mary Louise Pratt (1992, p. 155-164) estabelece em oposição aos “capitalistas de vanguarda”, cujas

¹² No original: “they would not read the letter while I was waiting below.”

¹³ No original: “the injustice of the Portuguese governor and government towards Brazil in general, and the Pernambucans, in particular.”

¹⁴ No original: “[...] depended on how one regulated one’s experience, overcame adverse nature, suspicious natives, or personal frailty, in order to explore, travel, and write.”

ambições se voltavam para a expansão comercial inglesa, enquanto essas mulheres, que acompanhavam os seus maridos, ocupavam-se com sua mera curiosidade social em países estrangeiros. Para Pratt (1992, p. 159, tradução nossa), os relatos de Graham, principalmente o diário sobre o Chile, dizem respeito à construção de uma identidade de reformadora social calcada mais no “senso de independência pessoal, propriedade e autoridade social, que na erudição científica, sobrevivência e aventurismo”.¹⁵

E inegável que Graham não poderia representar o governo britânico oficialmente e que, no excerto citado acima, ela superestima a sua relevância como agente diplomática. No entanto, vale lembrar que a viajante era, de fato, casada com um capitão da Marinha que estava ali em missão em nome do Império Britânico e, sobretudo, que ela circulava em meios políticos importantes, o que é ilustrado por sua amizade com o general Luís do Rego e sua esposa, com José Bonifácio e a sua família, bem como com o mercenário inglês lorde Cochrane, que atuou como uma espécie de guardião para Graham quando seu marido faleceu em 1822 e ela se recusara a voltar para a Inglaterra. Além disso, caracterizar Graham como somente uma acompanhante do capitão do *Doris* é reduzir o seu papel como intelectual, artista, botânica e autora, que participava ativamente de debates políticos com os seus contemporâneos.

Não é à toa que os líderes da junta provisória convidam-na para a reunião e, inicialmente, recusam-se a falar sobre a sua questão principal (a roupa de cama) para enfatizarem suas pautas independentistas. Inclusive Graham (2010, p. 52, tradução nossa) escreve que “a junta estava extremamente ansiosa para saber se havia a possibilidade de a Inglaterra reconhecer a independência do Brasil ou se ela participara de algum modo nessa luta”.¹⁶ Segundo a viajante, “[...] muitas foram as perguntas e de muitas formas elas foram estruturadas” (GRAHAM, 2010, p. 52, tradução nossa)¹⁷ para a comitiva inglesa. Ela ainda comenta a violência na linguagem utilizada para falar sobre o general do Rego, certamente caracterizado como um dos principais inimigos do governo provisório.

¹⁵ No original: “[...] sense of personal independence, property, and social authority, rather than in scientific erudition, survival, or adventurism.”

¹⁶ No original: “The junta was extremely anxious to learn if there was a probability of England’s acknowledging the independence of Brazil, or if she took part at all in the struggle.”

¹⁷ No original: “[...] many were the questions, and very variously were they shaped.”

Ora, se Graham era apenas uma esposa que reivindicava sua roupa de cama, por que ela fora intimada a fazer parte da reunião que parecia ter tantas indagações com relação aos interesses ingleses na independência e às exigências da junta para um acordo? É possível aventar a hipótese de que Graham fora usada como uma espécie de mensageira, que ressaltaria as vantagens da independência a seus compatriotas, especialmente a seu marido e comerciantes ingleses, e lembraria à família do Rego da repulsão com a qual o general era visto por essas tropas. Em 5 de outubro de 1821, dois dias depois do ocorrido, uma nova junta governamental foi instituída e, em 26 de outubro, o general Luís do Rego voltava para Portugal com sua família, fatos registrados muito modestamente no diário de Graham. É claro que não se pode dizer que fora a viajante a responsável por tal acordo. Porém, o incidente insólito causado pelo confisco de roupas de cama pode ser interpretado como uma ocasião oportuna para que os membros da junta provisória enfatizassem não somente as suas reivindicações, mas também afagassem os humores dos ingleses com a devolução de seus lençóis, a redução de preço dos novilhos e a liberação de alguns mantimentos.

A exposição dos eventos ocorridos em Pernambuco a partir do uso de recursos literários, como a criação de suspense e de ação, que exaltavam o protagonismo de Graham como heroína contribuiu para que sua história fosse alvo de recepção negativa em resenha publicada anonimamente na revista *Quarterly Review*. Por um lado, o autor elogia a maneira pela qual o relato sobre o episódio é desenvolvido. Por outro, o crítico mostra-se cético sobre a realidade do acontecimento pelo fato de a viajante ser mulher:

Se a senhora Graham [...] tivesse sido sensata [para constatar] que, com seu conhecimento raso dos personagens com quem ela se misturava, com sua ignorância da língua na qual eles conversaram e com sua familiaridade imperfeita com os costumes e modos das pessoas, ela era desqualificada para escrever disquisições *políticas* sobre o Brasil, ela teria apresentado ao público um volume pequeno que teria sido lido com um interesse considerável. Suas descrições dos grupos aos quais ela foi introduzida são provavelmente precisos e geralmente característicos. Um dos eventos mais interessantes, apesar de incomuns para aventureiras do sexo feminino, foi a excursão da cidade de Pernambuco [...] ao acampamento de insurgentes que tentaram tomá-la; [a história] é

extremamente bem contada. (JOURNAL..., 1824, p. 323, grifo do autor, tradução nossa).¹⁸

Embora reconheça a habilidade narrativa de Graham em contar a história, o autor prontamente a desqualifica como um retrato da realidade brasileira, visto que, antes de proferir o elogio, ele afirma veementemente que Graham não seria capaz de compreender e muito menos de proporcionar análises políticas sobre o Brasil. A implicação de que a viajante estaria desprovida de sensatez; a acusação de pífio conhecimento da língua portuguesa e do país; as palavras “ignorância”, “desqualificada” e “*política*” – em itálico, marcando-a como uma palavra que, na visão do autor, não pertenceria ao campo semântico destinado às mulheres; e a imputação de que suas descrições dos membros da elite política brasileira estariam apenas “provavelmente” corretas sugerem que os escritos sobre os embates políticos brasileiros de Graham não merecem credibilidade como fatos reais.

Nota-se aqui a distinção entre a ficção e o fato: apesar de escrever bem e conseguir contar uma boa história do que pode ter acontecido, a viajante não pode ser confiável o suficiente para dizer ao seu leitor o que realmente aconteceu. Essa discriminação, ao final, é sintetizada no gênero de Graham, pois é a estranheza de que ela, como mulher, pudesse participar de tais eventos que gera dúvidas sobre sua veracidade. Mais adiante, o crítico tece outro elogio ao diário de Graham; dessa vez, sobre a esfera doméstica:

A descrição das residências, suas aparências internas, [...] é esboçada de uma maneira que somente uma senhora, que as enxerga longe do cortejo que normalmente acompanha as

¹⁸ No original: “If Mrs. Graham [...] had been sensible that, with her slight knowledge of the characters with whom she mixed, her ignorance of the language in which they conversed, and her imperfect acquaintance with the customs and manners of the people, she was unqualified to write *political* disquisitions of Brazil, she might have presented to the public a small volume that would have been read with a considerable degree of interest. Her descriptions of the parties to which she was introduced are probably accurate, and in general characteristic. One of the most interesting events, however unusual with female adventurers, was an excursion from the city of Pernambuco, then in a state of siege, to the camp of the insurgents who had invested it; and it is extremely well told.”

exibições públicas das mulheres, poderia tê-la realizado com sucesso” (JOURNAL..., 1824, p. 327, tradução nossa).¹⁹

Ao passo que Graham seria inapta a realizar avaliações políticas sobre o Brasil, seus retratos sobre a domesticidade brasileira seriam o auge de seu diário, pois esses sim seriam temas cabíveis a uma senhora casada. É verdade que a esfera doméstica é um espaço frequentemente retratado por viajantes mulheres (GAZZOLA, 2008; LEITE, 1984), incluindo a própria Graham. No entanto, é necessário ressaltar que, em seus relatos, o ambiente doméstico também é uma forma de acessar o debate político sobre o Brasil, Portugal e a Inglaterra. Ela descreve e comenta com frequência o cotidiano das mulheres brasileiras, mas, principalmente na primeira parte de seu diário sobre o Brasil, antes da morte de seu marido, Graham posiciona-se como uma mulher que frequenta os grupos dos homens, como demonstra o excerto acima de que ela e os seus acompanhantes da viagem a Goiana sentem-se como “meninos de escola”. De forma semelhante, um jantar na casa de uma família, como a do general Luís do Rego, pode se configurar em uma maneira de legitimar a sua presença em círculos exclusivos da elite política brasileira.

Os retratos sobre as famílias e mulheres no Brasil também funcionam como uma forma de distinguir-se como uma mulher superior, justamente porque recusa as frivolidades atribuídas à feminilidade. Após duas semanas no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 1821, a viajante descreve o seu cotidiano e as suas tarefas de cuidar dos marinheiros enfermos. Nessa noite, Graham vai a uma festa oferecida por um comerciante inglês, onde conhece algumas mulheres portuguesas e brasileiras que, aos olhos da viajante, “são decididamente superiores em aparência àquelas da Bahia; elas aparentam uma casta mais alta: talvez a residência da corte por tantos anos as tenha polido” (GRAHAM, 2010, p. 100, tradução nossa).²⁰ Sobre os homens cariocas, Graham afirma que eles não obtiveram a mesma vantagem. Ela não sabe emitir

¹⁹ No original: “The description of the residences, their internal appearance, [...] is sketched in a manner that only a lady seeing them without the parade which usually accompanies the public exhibitions of the females, could have successfully executed.”

²⁰ No original: “The Portuguese and Brazilian ladies are decidedly superior in appearance to those of Bahia; they look of higher caste: perhaps the residence off the court for so many years has polished them.”

opiniões sobre a natureza dessas pessoas, porque observa que não fala português bem o suficiente para conversar. Porém, ela prontamente emite um diagnóstico sobre os ingleses nesse meio: “Eles são como aqueles que vemos em nossa terra, em suas respectivas posições sociais; e as senhoras, muito boas como pessoas, precisariam da caneta da senhorita Austen para fazê-las interessantes” (GRAHAM, 2010, p. 100, tradução nossa).²¹ Nesse trecho, a descrição das mulheres inglesas é feita a partir de um comentário sarcástico, digno de Jane Austen, que representa de forma certa o tédio de suas conterrâneas, ao mesmo tempo que legitima a superioridade intelectual da viajante.

Os comentários de Graham sobre a esfera doméstica e familiar não podem ser considerados à parte das ocorrências históricas e políticas que ela registra. Para o crítico da *Quarterly Review*, a improbabilidade de veracidade nos relatos sobre o cotidiano político reside na sua visão um tanto limitada e idealizada da cisão entre o espaço público (da política) e o privado (do doméstico). Essa divisão consequentemente afeta as suas próprias noções do real e do ficcional: a única realidade possível para Graham seriam as imagens do lar e das mulheres, de modo que a sua representação sobre o seu suposto protagonismo em Pernambuco estaria presa ao campo ficcional, dado que tal situação política seria possível somente se inventada.

Ao contrário de Robinson Crusoe, que decide sair de casa para conhecer o mundo e que se torna a personificação do *homo economicus*, cujo “objetivo primordial do lucro, o utilitarismo, a comodificação das relações humanas” (VASCONCELOS, 2010, p. 181) determinam a sua existência, Graham, que não poderia representar a “vanguarda capitalista” como seu marido, estaria fadada ao papel de espectadora da vida doméstica ou de reformadora social. É interessante notar, portanto, que tanto a crítica conservadora de 1824 quanto as categorias tipológicas de Pratt criadas no final do século XX são estereotipadas no que dizem respeito às viajantes mulheres. Como uma mulher de seu tempo, Graham não estava livre das normas que ditavam o comportamento feminino e certamente essas vêm à tona em seu discurso moralista em relação às mulheres brasileiras, como a sua crença de que as cariocas teriam

²¹ No original: “They are very like all one sees at at home, in their rank of life; and the ladies, very good persons doubtless, would require Miss Austin’s [*sic*] pen to make them interesting.”

melhorado com a presença da corte portuguesa. No entanto, o ideal de feminilidade de sua época não é suficiente para defini-la como autora e viajante. Embora não pudesse sintetizar a figura empreendedora de Crusoé, pode-se dizer que Graham, dentro de suas limitações, também reflete as questões históricas da expansão comercial inglesa.

A interpretação histórica-social de Robinson Crusoé como epítome do desenvolvimento da sociedade capitalista, do indivíduo moderno que busca ascender social e economicamente por seus próprios meios pode não definir a viajante como protagonista, mas ela claramente emerge nas figuras inglesas retratadas por Graham. O homem empresário de si mesmo é, inclusive, objeto de crítica e de reflexão sobre a comunidade inglesa no Brasil. Em sua passagem pela Bahia, ela descreve os ingleses que encontra: “Alguns comerciantes, não de primeira ordem, cujas reflexões são tomadas pelo açúcar e algodão, ao ponto de excluírem absolutamente todos os assuntos públicos que não tenham relação direta com o seu comércio privado” (GRAHAM, 2010, p. 82, tradução nossa).²²

Em outras palavras, o objetivo desses comerciantes no Brasil, como os de Crusoé, estaria única e exclusivamente direcionado à prosperidade de seus empreendimentos. Eles não demonstram interesse pela cultura e pela sociedade locais, a não ser que elas sirvam de alguma forma para os seus projetos. Mais uma vez, notamos aqui que Graham faz questão de se distinguir de seus compatriotas, pois ela, diferentemente desses comerciantes, demonstra interesse pelo país, faz questão de aprender português e de fazer parte das discussões locais, mesmo quando elas não dizem respeito à expansão comercial britânica. De fato, essas diferenças marcam a trajetória de Graham como escritora e como viajante, pois ela decide permanecer no Brasil mesmo após a morte de seu marido em 1822²³ e, mais tarde, é convidada para atuar como preceptora da

²² No original: “A few merchants, not of the first order, whose thoughts are engrossed by sugars and cottons, to the utter exclusion of all public matters that do not bear directly on their private trade, and of all matters of general science and information.”

²³ O capitão Thomas Graham faleceu durante a viagem do *Doris* entre o Rio de Janeiro e Valparaíso. Graham viveu no Chile durante 11 meses e volta ao Rio de Janeiro em março de 1823. Ela retorna à Inglaterra no final de 1823 para acompanhar a publicação de seus diários e, em 1824, assume o seu posto de preceptora na residência de Dom Pedro I, onde permanece por menos de um mês. Após essa breve experiência no Paço de São Cristóvão, Graham continua a viver no Brasil por quase mais um ano, tendo retornado à Inglaterra em 1825. Em seu leito de morte, ela recitaria a uma amiga

princesa Maria da Glória, tendo construído uma longa e forte amizade com a Imperatriz Leopoldina.

A percepção de Graham de distinção em relação aos seus conterrâneos a enaltece como autoridade porque ela saberia mais que a maioria dos ingleses que ali estava. No entanto, essa autoridade depende igualmente de provar que ela também está em consonância com os ideais comerciais, políticos e morais de seu país, como vemos em seus discursos sobre a escravidão e o progresso histórico. No esboço sobre a história do Brasil, que introduz o seu diário, Graham (2010, p. 283, tradução nossa) afirma que quando um homem não tem acesso à propriedade, não há incentivo para o esforço individual: “O estímulo ao mercado não pode existir onde um homem não tem a esperança de ficar mais rico, medo de tornar-se mais pobre, e a ansiedade de arcar com o sustento de sua família.”²⁴ Essa seria a crítica de Graham aos jesuítas que, segundo a autora, teriam contribuído para o abandono dos “hábitos da vida selvagem” (*habits of savage life*), embora tenham falhado na transformação dos indígenas em homens civilizados pelo fato de não terem instigado a aspiração à propriedade privada e à prosperidade.

No texto de Graham, Vasconcelos (1997, p. 41) identifica uma função “que justifica uma missão civilizatória que pressupõe a Europa, principalmente a Inglaterra e a França, como um ideal de progresso em direção ao qual [...] o Brasil deveria se mover”. Da mesma forma que a transformação da ilha em propriedade de Crusoé leva ao desenvolvimento da agricultura, da tolerância e da soberania, a presença dos europeus no Brasil seria uma oportunidade de progresso. Essa seria inclusive explicitada num trecho no qual Graham (2010, p. 240, tradução nossa) descreve um debate da assembleia legislativa brasileira, no qual ela afirma com entusiasmo: “Queira Deus que a Assembleia possa um dia

um curto livro de memórias intitulado *Life of Dom Pedro*, que ficou inacabado e foi publicado de forma resumida postumamente (ver o anexo IV da edição organizada por Hayward e Caballero de *Journal of a Voyage to Brazil*). Em português, o manuscrito completo foi traduzido por Américo Jacobina Lacombe como o *Escorço biográfico de Dom Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo* e publicado em sua íntegra em 1997 pela editora Itatiaia.

²⁴ No original: “The stimulus to industry cannot exist where a man has no hope of growing richer, no fear of becoming poorer, no anxiety about the provision of his family.”

emular o Parlamento Britânico!”²⁵ Para Graham, a história brasileira teria potencial para seguir o exemplo britânico, desde que houvesse avanço na moral, nos costumes e nas estruturas sócio-políticas do país, segundo os ideais do liberalismo econômico.

O que Graham entende como verdade, que seria constituída pela mediação entre o fato e a sua reconstrução, postula também a sua apreensão do que seria a história na medida em que ela associa a representação dos fatos históricos à moralidade e a função da história a um objetivo a ser alcançado no futuro. Vale lembrar que a exposição que Graham faz da história do Brasil é fundamentada pelo livro de Robert Southey, *History of Brazil*, publicado entre os anos de 1810 e 1819. No relato sobre a exploração de minérios no Brasil, totalmente baseada na historiografia de Southey, Graham (2010, p. 280, tradução nossa) escreve:

Eu não justificaria os descobridores de ouro, suas ações foram horríveis, suas opressões, atozes, mas façamos justiça a eles: o estímulo era imenso e impulsionados por ele, realizaram grandes coisas, enfrentaram o frio, a fome, a fadiga, a perseguição e a morte; perseveraram, abriram o caminho para territórios desconhecidos, estabeleceram as fundações para futura civilização em países que terão razão de abençoar suas descobertas, quando o efeito de seus atos cruéis, bem como a memória dos costumes brutais dos selvagens os quais eles tão injustamente oprimiram, tiverem desvanecido.²⁶

Segundo a viajante, o futuro do Brasil como nação civilizada será a grande recompensa para as atrocidades dos colonizadores europeus. Em seguida, a inglesa comenta que não tem “espaço nem inclinação para seguir [as] aventuras [dos mineradores]” e refere o leitor aos escritos de Southey sobre o tema, pois, além do poeta, somente “Daniel Defoe

²⁵ No original: “Would to God the Assembly might one day emulate the British Parliament!”

²⁶ No original: “I would not justify the gold finders; their actions were horrible, their oppressions atrocious; but let them have justice: the stimulus was great; urged on by it, they performed great things, they braved the cold, and hunger, and fatigue, and persecution, and death; they persevered, they opened the way to unknown lands, they laid the foundations for future civilization in countries which will have reason to bless their discoveries, when the effect of their evil deeds, as well as the memory of the brutal customs of the savages they so unjustly oppressed, shall have passed away.”

poderia transformar uma narrativa [*tale*] tão monótona e triste em algo prazeroso” (GRAHAM, 2010, p. 280, tradução nossa).²⁷ Como em *Robinson Crusoe*, ela sugere, as verdadeiras glórias da civilização só poderão ser narradas no futuro, quando poder-se-á compreender que as opressões e os sacrifícios morais terão sido recompensados pela instauração da civilização.

Voltando às reflexões de Koselleck sobre os nexos entre a realidade histórica e a ficção, pode-se dizer que a concepção de história postulada por Graham reside justamente no conceito moderno de história (*Geschichte*) que consiste na convergência entre evento histórico e a sua representação. Enquanto *Geschichten* [histórias, no plural] significava o conjunto de acontecimentos e ações na história e o termo *Historie* designava “o relato, a narração daquilo que ocorreu” (KOSELLECK, 2004, p. 32, tradução nossa),²⁸ ao longo do século XVIII, há uma convergência entre a representação e o acontecimento histórico no termo *Geschichte*. Essa mudança “articula um espaço de experiência marcado pela ruptura entre passado e futuro, experiência e expectativa”, concebendo a noção de “história em si”, que é “dotada de uma qualidade temporal própria e voltada para o futuro” (VILLAS BÔAS, 2014, p. 103). Dessa forma, a concepção moderna de história (*Geschichte*) reside na noção de progresso, voltada mais para uma ligação entre presente e futuro do que entre presente e passado.

A premissa de que os acontecimentos históricos passam a ser delimitados por sua representação, constituindo uma “unidade épica que liga início ao fim”, institui a cerne da historiografia moderna. Portanto, surge aqui “a metáfora do romance tomado como forma capaz de conferir unidade à história geral” (VILLAS BÔAS, 2014, p. 104). É esse um dos pontos de partida que permitem que Koselleck identifique as aproximações entre a literatura e a história, visto que o próprio romance ascende como uma maneira de dar totalidade à vida. Para Koselleck (2007, p. 47, tradução nossa), “a realidade histórica nunca coincide totalmente com aquilo que é articulado linguisticamente

²⁷ No original: “But I have neither space nor inclination to follow their adventures, and must refer to Mr. Southey’s elaborate and excellent account of them. Daniel Defoe alone could have so handled the subject as to make delightful so dull and so sad a tale.”

²⁸ No original: “a report, an account of what had occurred.”

dentro e sobre ela”;²⁹ ou seja, a história não pode ser reduzida à sua representação. Essa aproximação entre o romance e a história não significa afirmar igualdade entre as duas formas, como expliquei anteriormente, mas sim demonstrar que a totalidade construída pela historiografia e pelo romance não pode ser idêntica à realidade, pois, sendo a história incomensurável, tanto a historiografia quanto o romance são apenas capazes de conferir coerência aos acontecimentos como um todo através da linguagem.

Além disso, a relação entre romance e história apontaria para as maneiras pelas quais a ficção também pode designar a realidade histórica, como acontece em *Robinson Crusoe*. Cem anos depois de sua publicação, Graham cita o romance de Defoe para ilustrar a realidade do local onde o protagonista teria estabelecido a sua plantação de açúcar, atestando a sua própria autoridade como viajante ao mostrar que ela teria testemunhado a factibilidade daquele lugar. A própria noção de verdade de Graham, que remete aos enlaces entre fato e ficção, é desenvolvida a partir de reflexões sobre as obras de Defoe e de Bunyan. No entanto, a crítica da *Quarterly Review* rechaça a interpretação da viajante sobre os aspectos históricos e políticos que ela havia acompanhado no Brasil, principalmente por ela ser mulher e a despeito do fato de que àquela época a escrita política não era completamente alheia à realidade feminina. Pode-se dizer que seu diário era factual demais para ser ficção, porque demonstrava o exclusivo grupo da elite política pelo qual Graham circulara, mas era demasiadamente ficcional para ser lido como um relato histórico ou uma análise política.

Se Robinson Crusoe tornou-se um epítome do indivíduo moderno e dos desdobramentos históricos da expansão capitalista, tal importância jamais poderia ser atribuída a Maria Graham. Embora a viajante tenha sido uma das mais relevantes autoras de literatura de viagem da editora dos Murray e seus relatos sobre o Brasil e o Chile tenham sido muito populares na Inglaterra, o *Journal of a Voyage to Brazil* obteve críticas negativas também em outros suplementos como o *London Literary Gazette* (KEIGHREN; WITHERS; BELL, 2015, p. 72). Graham estava ciente de que seu gênero seria um empecilho para consolidar a sua credibilidade e autoridade, uma questão que, segundo Keighren, Withers

²⁹ No original: “Geschichtliche Wirklichkeit kommt nie zur Deckung mit dem, was sprachlich in ihr und über sie artikuliert werden kann.”

e Bell, teria sido bem documentada em sua correspondência com John Murray II.

O que notamos em seu diário é uma tensão entre demonstrar a sua autoridade como escritora e comentadora política e a necessidade de construir-se como uma protagonista e narradora que é digna da respeitabilidade moral de uma mulher casada e, mais tarde, viúva. Essa ambivalência é constatada na forma em que Graham por vezes eleva o tom para investir-se da autoridade na discussão de assuntos políticos, como a presença dos ingleses no Brasil, a escravidão ou a política brasileira, para logo depois recuar e representar-se a partir da fragilidade e sentimentalidade atribuídas ao ideal da feminilidade. Ao reduzi-la a uma *exploratice sociale*, Pratt não se atenta à complexidade e ambiguidade presentes nessa autorrepresentação de Graham e, ao invés de analisá-las, recorre a tipologias que encaixam Graham no mesmo lugar que os críticos do início do século XIX a colocaram. Consciente de que seu relato jamais pudesse dar conta de sua experiência no Brasil, Graham parecia entender que seriam os registros escritos daquilo que testemunhou que sobreviveriam no decorrer da história.

Referências

BUNYAN, John. *The Pilgrim's Progress: From This World to That Which is to Come*. [S. l.]: Project Gutenberg, 2008. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/131>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CAREY, Daniel. Truths, Lies and Travel Writing. In: THOMPSON, Carl (org.). *The Routledge Companion to Travel Writing*. London: Routledge, 2016. p. 3-14.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Tradução de Sergio Flaksman. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa, *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 1031-1045, set./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300020>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300020&script=sci_arttext. Acesso em: 20 abr. 2021.

GRAHAM, Maria. Escorço biográfico de Dom Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad. e org.). *Correspondência entre Maria Graham e a imperatriz Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997. p. 59-147.

GRAHAM, Maria. *Journal of a Residence in India*. 2. ed. Edinburgh: Archibald Constable and Company, 1813.

GRAHAM, Maria. *Maria Graham's Journal of a Voyage to Brazil*. Organização de Jennifer Hayward e Maria Soledad Caballero. South Carolina: Parlor Press, 2010.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Über die Aufgabe des Geschichtsschreibers. Frankfurt am Main: Deutsche National Bibliothek, 1946. Disponível em: <https://portal.dnb.de/bookviewer/view/1112959122#page/9/mode/1up>. Acesso em: 20 abr. 2021.

JOURNAL of a Voyage to Brazil, and Residence there during Part of the Years 1821, 1822, and 1823, *Quarterly Review*, 1824. In: GRAHAM, Maria. *Maria Graham's Journal of a Voyage to Brazil*. Organização de Jennifer Hayward e Maria Soledad Caballero. South Carolina: Parlor Press, 2010. p. 319-331.

KEIGHREN, Innes; WITHERS, Charles W. J.; BELL, Bill. *Travels into Print: Exploration, Writing, and Publishing with John Murray, 1773-1859*. Chicago: University of Chicago Press, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226233574.001.0001>.

KOSELLECK, Reinhart. Fiktion und geschichtliche Wirklichkeit. *Zeitschrift für Ideengeschichte*, Munique, v. 1, n. 3, p. 39-54, 2007. DOI: <https://doi.org/10.17104/1863-8937-2007-3-39>. Disponível em: https://www.z-i-g.de/pdf/ZIG_3_2007_koselleck.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae: The Dissolution of the Topos into the Perspective of a Modernized Historical Process*. In: _____. *Futures Past: on the Semantics of Historical Time*. Translated by Keith Tribe. Nova York: Columbia University Press, 2004. p. 26-42.

LEITE, Miriam Moreira (org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Ian Watt e a figuração do real (anotações de leitura). *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 15, p. 170-183, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i14p170-183>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/64236/66925>. Acesso em: 20 abr. 2021.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Independência e dependência: as viagens de Maria Graham no Brasil de 1822. In: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira (org.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 39-46.

VILLAS BÔAS, Luciana. Reinhart Koselleck (1923-2006). In: PARADA, Maurício (org.). *Os historiadores clássicos da história*. Rio de Janeiro: Editora PUC; Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 93-116.

Recebido em: 15 de novembro de 2020.

Aprovado em: 7 de abril de 2021.